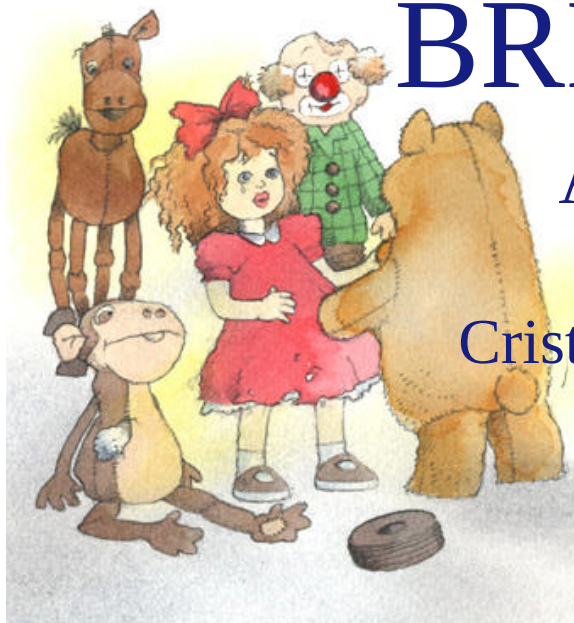


OFICINA DOS BRINQUEDOS



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Começa num sótão de uma velha casa a história que vamos contar. De uma mala entreaberta sai uma vizinha queixosa:

– Está frio, hoje! A quantos estamos?

"Talvez em Dezembro", "Parece-me que em Novembro...", "Não sei se em Janeiro...", respondem várias vozes estremunhadas.

– O cuco do relógio sabe. Dêem-lhe corda que ele diz – lembra outra voz mais esperta.

Da mala entreaberta sai um ursinho cor de canela, mas um pouco descorado. Espreguiça-se, volta a espreguiçar-se e trepa custosamente a em escadote. Pendurado na parede e parado está o relógio de cuco, que já se não usa. O que se não usa está usado ou estragado, no sótão fica guardado.

– Não trabalho, mas faço contas de cabeça – diz de lá o cuco. – Se perco a conta ao tempo, nunca mais me acerto.

– Anda lá, despacha-te, e diz-nos a quantos estamos! – impacienta-se o ursinho de peluche.

– Neste momento são precisamente nove horas, treze minutos e vinte e cinco segundos... Cucu... cucu... cucu...

– O dia, o dia! – exigem várias vozes do rés-do-chão.

– ... do dia 24 de Dezembro de... Cucu... cucu... cucu...

– Véspera de Natal, imaginem – e uma boneca de cabelo emaranhado e saia traçada salta de uma gaveta a correr.

– Para onde vais tu com tanta pressa? – pergunta-lhe, do cimo do escadote, o ursinho cor de canela.

– Vou arranjar-me para a ceia. Estou atrasadíssima.

Um palhaço amolgado aparece, a piscar os olhos, detrás de uma velha cómoda.

– Vai ver-te ao espelho, boneca tola! – diz-lhe ele.

– Detesto espelhos... – e a boneca põe-se a chorar.

De caixas, gavetas e arcas saem mais bonecos e brinquedos. Soldadinhos de espingarda partida, cavalos sem orelhas, macacos de algodão com o algodão à mostra, burros de pasta ratada e até um carro de bombeiros, equilibrado em três rodas, acorrem ao choro da boneca.

– Há novidade? Há fogo, inundação, desastre? É preciso ajuda? – perguntam os bombeiros uns aos outros.

O palhaço amolgado tranquiliza-os:

– Nada disso. É ela que não se conforma e não acredita que já ninguém a quer. Quem precisa de uma boneca velha?

– Pois é. Já não prestamos para nada – comentam os outros bonecos.

Lentamente, esgaçados uns, esbarrigados outros, rachados uns quantos, regressam às gavetas, arcas, sacos e caixas... Estas conversas não adiantam. Mais vale dormir.

Mas o urso de peluche, que continua empoleirado no cimo do escadote, fala para a boneca, de forma a que os outros oiçam:

– Estou, daqui, a ver a máquina de costura antiga. No armário há vestidos pendurados, tão velhos como nós, mas alguns de bom tecido. Lembrei-me de que tu podias...

A boneca limpa as lágrimas e levanta os olhos para o ursinho:

– Que linda ideia! Achas que posso?

Mais brinquedos oferecem os seus serviços.

– De caminho, podias consertar-me a barriga – pede o macaco de algodão. – Estou todo descosido.

– Também me dava jeito que me pregasses as orelhas...
– lembra o cavalo de feltro.

De novo a voz do ursinho de peluche, do cimo do escadote:

– Do meu mirante também vejo latas de tinta, que os pintores, que andaram a arranjar a casa, aqui deixaram.

– Era óptimo para nós – exclamam os soldadinhos de chumbo. – Estamos mesmo precisados de fardas novas.

– E nós! E nós! – ecoam os bombeiros.

– Pregos, martelos e outras ferramentas não faltam, por aí espalhados – grita, cada vez mais alegre, o ursinho de peluche. – Mãos à obra, meus amigos!

Digamos já, para encurtar a história, que aquele sótão, há pouco triste e sonolento, se transformou numa animada oficina de brinquedos.

– E agora? – perguntam os bonecos, com caras novas e vestidos floridos.

– Agora vamos descer pela chaminé – comanda o urso.
– Já deve faltar pouco para a meia-noite. Que grande surpresa vai ser!

O pêlo do ursinho de peluche está eriçado de entusiasmo.

Na manhã seguinte:

– Alfredo, vem ver o que está na chaminé!

– Que é, Noémia? Caiu algum tijolo?

– Qual quê, homem! Anda ver. Caíram bonecos e brinquedos do telhado. Foi, com certeza, o Pai Natal.

– O Pai Natal? Na nossa idade?

O senhor Alfredo ficou embasbacado. Imaginem dois amáveis velhinhos, o senhor Alfredo e a dona Noémia, únicos habitantes daquela casa, a olharem, sem acreditar, para as surpresas reluzentes que o Pai Natal lhes deixou na chaminé...

– Repara, mulher: aquela boneca não é parecida com a que demos à nossa filha? E aquele macaco? Naturalmente, caíram do sótão. O soalho deve ter dado de si... Vou lá acima ver.

– Deixa lá isso, agora! Repara que estes brinquedos estão como novos. Parece que o tempo não passou por eles.

– Até é mal empregado que estejam lá em cima a estragar-se. E se fôssemos...? – sugere o senhor Alfredo.

– Vamos – responde a dona Noémia.

O senhor Alfredo e a dona Noémia entendem-se por meias palavras, mas nós, nas linhas desta história, temos de contar as palavras todas. Saibam, pois, que graças aos dois

simpáticos velhinhos, transformados, para o efeito, em ajudantes de Pai Natal, os brinquedos do sótão voltaram a conhecer as mãos macias dos meninos.

FIM